

MEDICAMENTOS A SETE CHAVES

A despesa de um hospital com medicamentos pode chegar aos 37% do seu orçamento. Diminuir o erro humano, aumentar a rastreabilidade e a segurança do stock e dos pacientes são os maiores desafios na dispensa de medicação. A boa nova? Uma tecnologia 100% portuguesa está a dar cartas neste campo pelo mundo fora.

PATRÍCIA SILVA

As despesas com os medicamentos sem movimento e com stock nos hospitais portugueses custam centenas de milhões de euros. A falta de controlo do inventário leva a que muitos destes medicamentos extrapolem o prazo de validade e que vão directamente para o lixo. A isto junta-se o facto de não haver forma de garantir, com o actual sistema de dispensa de medicamentos, que a medicação prescrita pelos médicos é administrada aos pacientes. A pensar nestas questões surgiu o *Pharmapick* – um sistema robotizado, 100% português, para o armazenamento, preparação de prescrições e dispensação de medicamentos e de material de consumo clínico.

O Hospital de Santo António no Porto foi o primeiro e o único hospital, até à data, onde a solução foi implementada em Portugal, tendo múltiplos benefícios, segunda a directora de farmácia, Patrocínia Rocha. “O robot aumentou a taxa de resposta de 50 para 90% e permitiu reduzir mais de 50% do stock – de 428 mil euros para 218 mil euros. O tempo útil de trabalho [dedicado à dispensa de medicamentos] caiu de 35 para 26 horas por dia, a incidência de erros foi reduzida em 50%, para além de ser possível a rastreabilidade dos medicamentos”, reconhece. No Santo António foram já feitos mais de quatro milhões de movimentos de medicamentos desde que o sistema foi instalado, numa média de três mil movimentos por dia.

A máquina, que começou a ser desenvolvida pela Slidelog em 2007, funciona como um cofre que guarda todo o universo de medicamentos, ao qual só tem acesso quem está

autorizado. “O *Pharmapick* faz a ligação directa ao software de prescrição. O robot pega no medicamento e apresenta no ponto de acesso, onde o técnico de farmácia o recolhe numa das oito gavetas”, descreve de forma simplificada, Pedro Lopes Ribeiro, CEO da Slidelog. “Enquanto a técnica de farmácia está a retirar o material, o robot continua a municiar de forma a que, enquanto um produto está numa gaveta, a máquina esteja a carregar as outras, aparecendo um produto de cada vez”, conta. Esta foi a solução encontrada para contornar a realidade das farmácias mais tradicionais onde os medicamentos se encontram em caixas e cada uma das gavetas corresponde a um paciente. “O técnico de farmácia pega na receita do médico e pica os medicamentos manualmente. Isto é um processo cheio de erros, pouco produtivo e que não consegue resolver problemas seríssimos como a questão da rastreabilidade e da segurança ao paciente”, esclarece Pedro Lopes Ribeiro.

Apesar das vantagens, não foi possível desenvolver um programa a nível nacional e por isso foi fundada a Picklog, em 2012, com o intuito de levar a tecnologia a mercados que a absorvessem. Hoje a *start-up* tem contratos com distribuidores em Espanha, França, Bélgica, Holanda, Polónia, Itália, Kuwait, Emirados Árabes Unidos, China, Brasil e Chile.

“Na Europa, há vários projectos em curso para implementação do sistema em hospitais. Os mais avançados estão na Bélgica, na Polónia e em Espanha. No caso espanhol, temos um dos mais importantes hospitais de Madrid”, deixa escapar o CEO da Picklog.

Por Terras de Vera Cruz, o *Pharmapick*





O primeiro protótipo foi apresentado em 2010. A multi-temperatura é uma das características da solução.

também faz sucesso. “A solução provou ser custo-eficiente: aumentámos a produtividade, eliminamos três farmácias satélite, reduzimos a equipa de trabalho de dez para duas pessoas e as queixas de erros acabaram”, declara a Unihealth, um operador logístico brasileiro líder de mercado.

“Fui muito bem recebido no Brasil, embora as decisões lá, tal como acontece em Portugal, sejam lentas e no último ano não se tenham feito investimento”, reconhece Pedro Lopes Ribeiro. “Temos muitos projectos em São Paulo, temos vendedores no Rio de Janeiro e representantes espalhados pelo país”, adianta.

Com mais de 23 mil hospitais, a China é outro mercado forte para a solução portuguesa, estando previsto um projecto que visa a criação de uma *joint venture* com uma empresa chinesa. “Estou convencido de que vamos construir muita coisa por lá”, prevê o fundador da Picklog.

EM MISSÃO HUMANITÁRIA

A versatilidade do *Pharmapick* permite também abranger desastres naturais, como um terramoto ou um tsunami, e outros provocados pelo ser humano, como uma guerra, capazes de colapsar as estruturas de um país. O *Pharmapick* SOS é o grande trunfo e o con-

tributo da pequena Picklog “para um mundo melhor”. Dentro dos próximos dois meses, a *start-up* conta conseguir 16 milhões de dólares, provenientes de investidores privados nos Estados Unidos, para desenvolver este projecto. O grande objectivo é levar o *Pharmapick* para missões humanitárias em qualquer parte do mundo, onde sejam necessários meios humanos e físicos para prestar cuidados de saúde. A solução é autónoma - tem um motor que gera electricidade, frio e ar comprimido - e pode ser transportada por camiões militares ou comboios, navios logísticos da marinha, aviões ou helicópteros. “Espero que este projecto veja a luz do dia rapidamente porque vai mudar radicalmente a face da assistência humanitária. O *Pharmapick* SOS vai resolver um problema de carácter humanitário gravíssimo”, considera Lopes Ribeiro.

A experiência do chefe da farmácia clínica do Hospital Albert Einstein (São Paulo), Fábio Ferracini, no decorrer do sismo de Port-au-Prince (Haiti), em 2010, atesta a importância desta tecnologia. “Logo no primeiro dia, receberam um pedido de um medicamento que precisava urgentemente de um comprimido para salvar a vida de um homem. Com a desorganização, os farmacêuticos ficaram à procura do medicamento durante sete horas”, conta Pedro Lopes Ribeiro.

A situação vivida durante os desastres humanitários verifica-se, em parte, em alguns hospitais onde a ineficiência na gestão do stock, stock redundante, pouco controlo no acesso ao inventário e a segurança ao paciente são problemas que afectam o ambiente hospitalar. “O *Pharmapick* não resolve tudo, mas resolve muitos destes problemas. Queremos que seja o sistema de dispensação de medicamentos mais rápido e mais seguro”, confia Pedro Lopes Ribeiro.

O ‘paciente’ que o *Pharmapick* está a tratar são os gastos supérfluos, até porque “nenhum sistema de saúde pode ser sustentável se não combater o desperdício”, diz o responsável da Slidelog e da Picklog. “Os números são suficientemente pesados para percebermos que precisamos de políticas de sustentabilidade. Os hospitais precisam de investir a fundo”, defende.

Para já, o único concorrente a nível mundial da Picklog vende dez mil milhões de euros, pelo que Pedro Lopes Ribeiro admite que a *start-up* “é uma bactéria que precisa de um microscópio muito potente para se ver. Só que as bactérias, quando se alojam, podem causar grandes estragos”, graceja.

SMART CITIES

CIDADES SUSTENTÁVEIS

A revista das cidades sustentáveis



ASSINE JÁ!
WWW.SMART-CITIES.PT

Edição Impressa

25 euros *



Edição Impressa + Digital

35 euros *



Edição Digital

20 euros *

